



14 a 18 de Novembro de 2014
ConFAEB
Ponta Grossa - PR
II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES
XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL



DEPARTAMENTO DE ARTES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
FEDERAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL (FAEB)

Tema: Arte/Educação Contemporânea:
metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender.

Modalidade: Comunicação oral

GT: Artes Visuais

Eixo Temático: Metamorfoses e narrativas na formação inicial e continuada do professor de Artes Visuais e na Pedagogia

THE END, O INÍCIO – COLAGEM SOB COLAGEM SOB COLAGEM...

Rafael Vilarouca Peixoto Correia (CENTRO DE ARTES/URCA/Ceará/BR)
Fábio José Rodrigues da Costa (CENTRO DE ARTES/URCA/Ceará/BR)
Fábio Tavares da Silva (CENTRO DE ARTES/URCA/Ceará/BR)

RESUMO:

Este artigo é o resultado das primeiras aproximações sobre a pesquisa em artes visuais a partir das reflexões e processo de criação vivenciados na disciplina de Expressão Visual I, ofertada no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri - URCA. A pesquisa objetivou entender meu processo de criação artística tendo como referências os artistas Max Ernst, Alex Gross, David LaChapelle, Damien Hirst, Debora Firsch, Iaia Filiberti, Sandra Chevrier, Marek Haiduk, Liliane Porter e Juan Burgo; bem como os escritores Fayga Ostrower (2010), Aline Karen Fonseca (2009), Michel Maffesoli (1995), Serge Gruzinski (2006) e Ricardo Basbaum (2002), numa busca de entender como o processo de criação artística emanam de referências e vivências pessoais, como parte das pesquisas que envolve o artista e sua obra. O criar permite comunicação e integração, através de estruturas, símbolos e significados.

Palavras-chaves: colagem; processo artístico; autoconhecimento; comunicação

THE END, THE BEGINNING - GLUE UNDER GLUE UNDER GLUE...

ABSTRACT:

This article is the result of the first approaches for research on visual arts from the reflections of experienced and creative process in the discipline of Visual Expression I, offered in the first semester of the Bachelor of Visual Arts Regional Arts Center University of Cariri - URCA. The research aimed to understand my process of artistic creation taking as references the artists Max Ernst, Alex Gross, David LaChapelle, Damien Hirst, Debora Firsch, Iaia Filiberti, Sandra Chevrier, Marek Haiduk, Liliane Porter and Juan Burgo; well as writers Fayga Ostrower (2010), Aline Karen Fonseca (2009), Michel Maffesoli (1995), Serge Gruzinski (2006) and Ricardo Basbaum (2002), a quest to understand how the process of artistic creation emanate from references and personal experiences, as part of research that involves the artist and his work. The build allows communication and integration, through structures, symbols and meanings.

Key words: bonding; artistic process; self-knowledge; communication

Introdução

A arte nos ensina o quanto podemos interpretar a realidade, reinventá-la, resignificá-la. Significantes e significados mesclam-se: são símbolos, signos, memórias, associações... O artista por meio de suas pesquisas experimenta processos de compreensão, relação, ordenação, configuração e ressignificação do contexto no qual está inserido.

Essas foram algumas das provocações com as quais me deparei ao longo do primeiro semestre no curso de Licenciatura em Artes Visuais (2014.1). Antes de ingressar no curso, me graduei em Direito pela mesma instituição e foi durante essa formação que despertei para a arte. Foi também por esse período, após um curso de fotografia e apreciação de arte, que iniciamos, eu e Yasmine Moraes, as conversas sobre algo que se chamaria Café com Gelo. Esse algo veio mais tarde a se transformar em um Coletivo (2009).

Com o Coletivo Café com Gelo (<http://www.coletivocafecomgelo.com>) iniciei meus primeiros experimentos com a fotografia. A ideia era partir dos diferentes aspectos do cotidiano e subverte-lo por meio de imagens inventadas usando dos múltiplos recursos de edição que hoje podemos utilizar para elaboração de imagens. Para nós as imagens que produzimos se aproxima do conceito de “religante” segundo Maffesoli (1995, p.18): “ela une ao mundo que cerca, ela une aos outros que me rodeiam”.

No coletivo criamos laços – aqui e distantes, participamos de exposições em mostras e festivais, nos tornamos objeto de estudos de pesquisadores do campo da Antropologia. Rompemos barreiras locais e ultrapassamos fronteiras. Essa caminhada nos tem amadurecido como pessoas e como artistas e o coletivo tem se enriquecido. E nos enriquecemos quando nos reinventamos, vemos o novo, vemos o mundo. Mundo este, indispensável a qualquer ser humano. Aprende-se muito assim, no contato diário e foi no Centro de Artes/Curso de Artes Visuais que me deparei com esse mundo novo.

Para Ostrower (2010, p. 26): “No formar, todo construir é um destruir. Tudo o que num dado momento se ordena, afasta por aquele momento o resto de acontecer”. Este pensamento me provocou para o processo de criação artística que venho desenvolvendo. O título deste artigo *The End, o Início* trata disso: é sempre possível a criação, mesmo que esta precise, para acontecer, de um momento de destruição. O uso do inglês em *The End* remete a um apelo ao pop, ao cotidiano abarrotado de influências estrangeiras.

Na disciplina de Expressão Visual I, ministrado pelo professor Fábio Tavares, experimentamos diversas técnicas e procedimentos utilizados por artistas modernos e contemporâneos. Para finalizar a disciplina deveríamos apresentar alguns exercícios com a aplicação dessas mesmas técnicas e procedimentos acompanhados de um texto com os fundamentos teórico/artísticos que utilizamos para chegar aos resultados obtidos.

Embora já tivesse uma trajetória com a fotografia, decidi por experimentar a Colagem. Pesquisei o uso da técnica na história da arte e seus desdobramentos atuais. A colagem se encontra vinculada à capacidade de conscientização do sujeito ao invés de se limitar às preocupações “da matéria e da decoração”, bem como afirmou Aline Karen Fonseca em seu artigo *Collage: a colagem surrealista* (FONSECA, 2009). Segundo a autora:

Hoje são várias as maneiras de se pensar a colagem. Telma Moreira, num parêntese durante o debate sobre collage realizado em 12 de agosto de 1979 em São Paulo e publicado no livro de Sergio Lima, faz uma observação bastante coerente: 'Para mim, também a superfície é uma colagem: se a superfície é um papel, e o papel é feito de texturas de fibras, e as fibras são todas coladas... então é uma colagem em cima de outra colagem, de outra colagem...' (LIMA, 1984, p.116), concluindo que o próprio processo de invenção do papel usa os princípios da colagem(FONSECA, 2009, p. 3).

De certa forma já utilizava a colagem na edição de imagens fotográficas digitais em colaboração com outro artista visual e editor, Rohh Ferr (Imagens de 1 a 4). Porém, o aprendizado na disciplina Expressão Visual I do curso de Licenciatura em Artes Visuais me provocou a experimentar outros procedimentos tendo a colagem como técnica para produção de imagens.

Imagens 1 a 4: imagens produzidas a partir de técnicas de fotografia e colagem digital



Créditos: Rafael Vilarouca e Rohh Ferr

Assim, dispondo de uma boa quantidade de revistas (Vogue, Elle, Rolling Stones, Bravo!, Veja, Super Interessante, Caras) e tomando-as como matéria-prima inicial para o processo da colagem, iniciei meu estudo.

A experiência do olho enquanto fotógrafo e colecionador de revistas me ajudou bastante nesse processo inicial de busca de imagens e na posterior montagem das composições. Enquanto seguia esse estudo e seus procedimentos, ia recebendo contribuições de outras disciplinas do curso que também forneciam e geravam uma série de discussões sobre arte, o fazer artístico e seu ensino/aprendizagem.

É necessário porém certas cautelas. É preciso haver respeito pelo tempo das coisas. Cada materialidade, de início, abrange infinitas possibilidades de ação e possui uma outra infinidade de limitações, como afirma Ostrower (2010, p. 32). A colagem é um exemplo disso. Nela, trabalha-se dentro das possibilidades que se possui, com a

matéria-prima que dispomos que são as revistas e outras mídias impressas que se consegue para recortar, extrair imagens e se prosseguir com o trabalho.

A imagem e sua produção norteiam essa pesquisa em/sobre arte. A imagem poderia ser só uma mera representação gráfica, plástica ou fotográfica de uma pessoa, objeto ou mesmo de uma divindade como afirma o Dicionário Aurélio. Ainda do mesmo verbete pode ser também uma representação mental, sua impressão, lembrança ou recordação. Para o estudante de artes esse conceito vai além: tudo o que vemos é imagem, está em toda parte e é própria do ser humano, pois só é imagem a partir do momento que se tem consciência dela. E a imagem gera uma relação com quem a vê, podendo ser de identificação ou mesmo de repulsa: são infinitas as sensações que uma imagem pode gerar num indivíduo, como afirma Serge Gruzinski (2006, p 153): “é estreito o parentesco da visão com a imagem”.

Colagem como releitura do mundo

A colagem é um procedimento para elaboração de imagens. Do que é supostamente real é possível sua transformação numa outra realidade resultante da poesia plástica/visual. Max Ernst (1891-1976) foi um pintor alemão dadaísta e surrealista, pioneiro no entendimento da colagem como forma e manifestação de arte. Ele percebeu que o processo não se dá apenas no ato de colar, iniciando-se na relação com a imagem, desde o momento da escolha da imagem, passando pelo recorte, distanciando a imagem do seu cenário normal indo até o ato de colar, onde se dá outro significado na composição. Essa linguagem Max Ernst chamou de *collage*.

Há diferença, porém, entre a colagem e a *collage*. Em ambas há a fragmentação e em seguida a junção, porém a *collage* é um processo de composição onde não existe a necessidade de cola para se realizar, encontrando-se ligada ao processo de aleatoriedades dos elementos e a sua posterior articulação, estando presente não só nas artes plásticas, mas também nas artes cênicas, na música, na arte digital, etc.

Colagem, assim, não é apenas colar. É preciso um objetivo. A ocasião do corte consiste em rever e resignificar a imagem em si mesma, retirando esse objeto de seu contexto e finalidade para lhe atribuir outro significado e função. A imagem formulada em pensamento provém de uma ideia e é preciso dar forma a ela. A colagem, enquanto lugar de encontro, faz com que as figuras recortadas deem lugar a outras narrativas, distintas daquelas a que foram destinadas ou representavam originalmente. É na articulação desses elementos que se forma um sincronismo numa nova superfície. Nesse processo, passei a reconhecer as possibilidades das imagens recortadas; recriei, reinventei, resignifiquei as imagens dos diferentes suportes e inventei outra imagem.

Dessa forma, percebi que o formar importa em transformar. No meu processo de colagem, revistas diversas, bem como outras mídias impressas, foram vistas atentamente na busca de imagens tentando estruturar um pensamento ainda jovem, buscando forma. Identificando-me com as imagens que encontrei e recortei fui me descobrindo e me reinventando nesse processo. As mesmas revistas (recortadas) - de moda, arte e atualidade - acabaram também por se tornar fontes de pesquisa e material para a escrita. Arte contemporânea e alusões a religiosidade, sexualidade, moda e consumismo são temas que me interessam.

São infinitas as possibilidades no trabalho com colagem. O próprio mundo contemporâneo é abarrotado e fragmentado por imagens e acontecimentos “no qual todos os elementos, por minúsculos que sejam, entram em interação resultando na

sociedade complexa que conhecemos” (MAFFESOLI, 1995, p. 14). O artista contemporâneo, em suas obras, questiona a época e as realidades, daqui e distantes, onde vivemos.

Colagem, exercício de visualidade

Artistas contemporâneos norte-americanos como Alex Gross e David LaChapelle foram referências iniciais nas colagens.

Alex Gross traz em suas pinturas imagens coloridas onde ícones míticos e religiosos, publicidade vintage, arte retrô japonesa e referências pop de grandes marcas do consumismo atual se misturam, criando um mundo fantasioso, e ao mesmo tempo, realista. Em seus trabalhos há referências do universo infanto-juvenil, mas os personagens aparentemente inocentes possuem um viés bizarro. Ao encaixar e misturar diversas representações da realidade, o resultado final é um mundo encantado de fantasia ou uma visão contemporânea da sociedade. É como se de uma colagem se tratasse.

Imagem 5 e 6: pinturas de Alex Gross



Crédito: Alex Gross

Nas colagens que produzi, os elementos que as compõem estão a posar e servir a esta, tal qual uma fotografia montada. É assim nos trabalhos do fotógrafo David LaChapelle, conhecido por suas imagens inusitadas, coloridas e irreverentes, que tratam do pop e do consumismo através de uma plasticidade única.

Imagem 7: fotografia de David LaChapelle



Crédito: David LaChapelle

A arte hoje está também nas campanhas publicitárias e nos editoriais. Foi a partir de uma fotografia publicitária de David LaChapelle (imagem 7), encontrada numa revista, que me surgiu a ideia de compor a colagem usando-a como fundo. Folheando revistas em busca de imagens para compô-la, fui encontrando outras campanhas publicitárias e diversos elementos que, por identificar-me, recortava. Dessa série de recortes surgiram naturalmente outras colagens.

Na técnica, imagens já existentes são recortadas para posteriormente serem cuidadosamente compostas criando justaposições e apresentando novos significados através de uma combinação de elementos diversos. O processo permite completa liberdade, desde que seja coerente.

A partir da estética desses artistas e dos questionamentos que suas obras trazem, cheguei ao seguinte resultado (Imagens 08 e 09):

Imagem 08: Colagem 1 (tamanho 30x45cm)



Imagem 09: Colagem 2 (tamanho 26x40cm)



A colagem me oferece a possibilidade de um escapismo à realidade através da imagem construída, brincando com diferentes estilos e proporções. Na imagem 08 (colagem 1), por exemplo, a representação antropomórfica se apresenta a seus jovens fãs. A flor que sai da arma que carrega declara paz.

Personagens personificados em animais, como se fossem não-humanos ou quase-humanos, uma ascendência à perfeição através dos seus corpos, poses e figuras perfeitamente esculpíveis, além de símbolos míticos e religiosos estão presentes nas colagens no intuito de evocar subjetivamente o surreal. Na imagem 09 (colagem 2), uma representação do masculino, recuperando referências greco-romanas, à semelhança das representações olímpicas, parece espernear-se por liberdade, liberando bailarinas e soldados de seu “casulo” numa quase dualidade sexual. Na mesma colagem, um outro ser, com cabeça de veado, em alusões tropicalistas, assiste sereno tudo de sua janela e parece convidá-lo a um instante de tranquilidade e serenidade.

O que me moveram nessas colagens foram os questionamentos a respeito das características sexuais biológicas, geneticamente adquiridas ou supostamente fixas na diferença entre homem e mulher, ou culturalmente determinadas. A identidade de gênero masculino ou feminino é uma construção cultural, determinada por padrões de uma sociedade. O interesse por estas questões ou temáticas não é apenas a pura representação de beleza ou de nudez, mas problematizar o significado de gênero na atualidade e a ditadura do estético e do ser perfeito.

Nesse contexto, o movimento *glam* nascido na Inglaterra dos anos 70 é também uma referência pessoal. O *glam* fundiu artes plásticas com cultura pop e explorou esta ao extremo, influenciando a música e a moda, numa mistura avassaladora de cor e brilho. O mais importante na época era a imagem – muitas vezes, superior até ao conteúdo –, extrapolando com frequência os limites do que era considerado bom gosto. Outra vertente do movimento explorada intensamente por vários artistas do período é o erotismo, seja na abordagem direta do sexo, na discussão sobre identidade sexual (ou

falta dela) e na tentativa de quebrar tabus. Havia sempre os flertes com a androginia, o exagero marcado pela ironia e a teatralidade kitsch e a brincadeira com o absurdo e os ideais de feminilidade e masculinidade. Esse exagero referencia também a estética do barroco que tornou-se naturalmente outra referência durante meu processo de feitura das colagens/imagens.

São características do barroco o uso de adornos diversos, dramaticidade, exuberância e uma tendência ao decorativo, expondo a tensão entre o gosto pela materialidade opulenta e as demandas de uma vida espiritual. Os efeitos grandiosos desse estilo artístico constituem um abandono da realidade em favor da decoração teatral e do mundo da fantasia. Serge Gruzinski em seu livro *A guerra das imagens* nos diz que “a imagem barroca participa da elaboração do corpo e da pessoa moderna” (GRUZINSKI, 2006, p. 238). O uso de temáticas e ícones contemporâneos também é uma de suas características atuais.

O barroco, ligado a religiosidade, faz parte de minha própria vivência. Sou natural de Icó-Ce, cidade histórica rica em prédios e igrejas antigas. Minha formação infantil e fundamental aconteceu em um colégio de freiras e vem daí o interesse por esse tema em meus trabalhos, tanto fotográficos quanto nas colagens aqui apresentadas (Imagens 10 e 11).

Imagem 10: Colagem 3 (tamanho 30x45cm)



Imagem 11: Colagem 4 (tamanho 28x41cm)



Na imagem 10 (colagem 3), ninfas (ou poderiam ser anjos) trazem uma injeção e parecem atacar a personagem de preto. A irônica personagem, cravejada de brilhantes, foi feita pelo artista inglês Damien Hirst, cujas obras grandiosas referem-se aos pesados temas da vida e da morte, doença e ciência, caos e ordem. A luta do bem contra o mal, demonstrada nessa colagem, faz referência a essas dualidades, bem como a todo pensamento religioso fundamentalista. E essa dualidade também aparece no próprio título desse artigo: o fim e o início. Há, porém, sempre a necessidade de equilíbrio entre eles: nada é tão perigoso quanto a certeza, o dogmatismo, a fé cega ou louca

A imagem 11 (colagem 4), a representação de uma pomba-gira reina solene numa varanda ricamente adornada, de onde se avista um jardim tomado por bichos e outros elementos. Em 2008, fiz uma pesquisa fotográfica nos terreiros de candomblé e umbanda do Cariri e passei a conhecer melhor sobre essas religiões de matriz africana, suas entidades e deuses. Interessam-me diferentes formas de religiosidade.

À medida que produzia as colagens, surgiam ideias de outras novas: ao encontrar uma campanha publicitária de trajes de banho tive a ideia de deslocar, de tempo e espaços diversos, vários personagens (Imagem 12).

Imagem 12: Colagem 5 (tamanho 28x41cm)



Numa situação impossível de ser vista normalmente, representações de Elvis, Gandhi, Neymar, Madonna, Pe. Cícero, Roberto Carlos, Iemanjá, D. Pedro I e outros estão juntos num dia de praia no Rio de Janeiro, ao lado de astronautas, aviões e um sol de laranja. A placa levada por um dos aviões adverte: “faça bonito na praia”.

Durante a pesquisa, o trabalho de vários artistas e escritores foi enriquecendo meu aprendizado e a produção das colagens. A artista argentina, Liliane Porter, em seu trabalho traz questionamentos filosóficos e emocionais, utilizando-se de pequenas figuras cuidadosamente escolhidas e outros objetos em fundos monocromáticos vazios. Em suas instalações – podendo fazer aqui um paralelo com a colagem - ela propõe a vida dupla dos objetos: por um lado, são mera aparência, ornamentos insubstanciais, mas, ao mesmo tempo, possuem uma aura que podem ser animados pelo espectador, projetando-lhe inclinações de interioridade e identidade. Ela nos mostra o que aterroriza o homem sem necessariamente construir algo feio ou duro, “somos nossos maiores inimigos”, diz ela. Na arte o espectador é obrigado a aguçar sua percepção e mudar a perspectiva. É preciso estar atento e aberto à reflexão.

Imagens 13 e 14: Instalações de Liliane Porter



Crédito: Liliane Porter

Nesse sentido, as artistas Debora Hirsch e a Iaia Filiberti ocasionalmente encontraram uma coleção de figurinhas com imagens de atrizes de Hollywood dos anos 20-50 e acabaram por mergulhar juntas num projeto de reconstrução da vida daquelas estrelas. Descobriram que a realidade superava abundantemente a ficção e na vida das atrizes encontraram vulnerabilidade e efemeridade, e não consagração e eternidade. O resgate permitiu completar um quebra-cabeças: o trabalho resultou em uma descoberta de fins de vida trágicos para muitas delas. Tais dilemas ainda são, muitas vezes, tão comuns às mulheres de nossa época.

Imagens 15 a 17: obras de Débora Hirsch e Iaia Filiberti



Créditos: Débora Hirsch e Iaia Filiberti

O trabalho de Sandra Chevrier, que foi apresentado pelo professor Fábio Tavares na disciplina de Expressão Visual I, também nos traz um questionamento parecido: “são heroínas exibindo um misto delicioso de força e suavidade ou lindas mulheres lutando para esconder suas fraquezas e imperfeições diante de uma sociedade machista e cada vez mais exigente?”, bem como perguntou a escritora Gabriella Borges em seu artigo *Feminismo e cultura pop na arte híbrida de Sandra Chevrier* (BORGES, 2014). A artista canadense autodidata cria quadros combinando técnicas de pintura com colagem, escondendo partes dos rostos de suas misteriosas musas. Seu trabalho é cheio de icônicas e familiares imagens de quadrinhos que compõem as mensagens entrelaçadas dentro de cada um de seus trabalhos.

Imagens 18 e 19: obras de Sandra Chevrier usando técnicas mistas de pintura e colagem



Créditos: Sandra Chevrier

Foi também o professor Fábio Tavares que nos apresentou o artista alemão Marek Haiduk, ilustrador e designer gráfico que cria colagens, a maioria digitais, com referências e temas facilmente identificáveis e comuns a todos nós - a infância, a evolução, a tecnologia, a ciência, a solidão. Algumas colagens de Marek possuem um tom irônico, outras são quase românticas, mas um dos seus pontos fortes é a brincadeira com o tempo, misturando referências ao passado, presente e futuro.

Imagens 20 e 21: colagens digitais de Marek Haiduk



Créditos: Marek Haiduk

A mistura de tempos diferentes é também uma característica do artista uruguaio Juan Burgos. Em suas colagens, de grande formato, toma e reinventa a iconografia urbana e a dialética da sociedade contemporânea. Usando como tema a complexidade das relações humanas, propõe um novo olhar sob as regras que regem a sociedade. Sua linguagem não se esgota dentro dos limites do pop, mas revelando suas contradições, parece ser a recuperação serena de um paraíso perdido. A grandiosidade de suas colagens me fez querer produzir obras maiores, não apenas enquanto exercício da universidade, mas como projeto de exposição.

Imagem 22: Colagem de Juan Burgos



Crédito: Juan Burgos

Na atual cena contemporânea da arte é importante que o artista engane o óbvio e crie uma arte que traga o próprio autor e sua visão da realidade. Surgiu-me, assim, a ideia de colagens onde personagens se deparam com mundos novos. Utilizando minhas próprias experiências me levei para dentro das mesmas. Para a primeira delas, imprimi em papel fotográfico um céu azul que representasse esse mundo novo. Articulei mentalmente essa imagem do céu com uma montagem que tinha feito anteriormente:

um ser com duas cabeças de cavalo. Montei o céu ao lado dos cavalos e as outras figuras fui adicionando, retirando uns, trocando por outros e compondo a cena onde pude me reconhecer nos elementos e na combinação deles (Imagem 10 e 11).

Imagem 23: Colagem 6 (tamanho 40cmx65cm)



Imagens 24 e 25: Colagem em processo de feitura



Informações e questionamentos novos, tudo tem relevância: o que se gosta e o que se circunstancia, num determinado momento, sob um ponto de vista de motivação interior. É um processo infinito que se reabastece em si próprio, renovando-se constantemente numa tensão psíquica irresistível. O viver se intensificou na busca do material de pesquisa para a criação. E o criar representa um vivenciar-se no fazer, e nos transforma na realidade nova que ali criamos. Atravessando o presente como extensão do passado busquei intimamente na memória tais correspondências de viver e clarifico-me sempre a cada nova descoberta, evidenciando intenções de autoconhecimento e de crescimento pessoal, emocional.

E acerca desses pensamentos, continuo a produção das colagens (Imagem 26).

Imagem 26: Colagem em processo de montagem



Considerações finais

A arte, conforme aprendi na universidade, é um trabalho de persistência e exige preparo, pesquisa, experimentação. A pressa não é só inimiga da perfeição, é também inimiga do diálogo, do pensamento mais elaborado, sobretudo, filosófico e científico.

A colagem representa o inconformismo de toda uma geração e incide diretamente numa reconstrução de simultaneidades, multiplicidades e dos excessos do mundo contemporâneo. O pensar que se torna concreto é expansão sensorial. O criar permite comunicar-se e integrar-se, através de estruturas, símbolos e significados. A obra que se cria é fruto direto de vivências pessoais do artista que o cria, como uma extensão natural do ser humano. Segundo Basbaum (2002, p. 32) “Vivenciar a obra de arte passa a ser sinônimo de deixar-se envolver por sua proposta, que inevitavelmente se agarra ao corpo multiplicando a dimensão sensorial, arrancando-a da interioridade do sujeito e lançando-a para o entorno, desenvolvendo um sentido de ambientalidade”.

Mesmo o mais afoito sentimento de criação e a necessidade de expressar-se devem caminhar mais lentamente, degustando-se sempre cada momento em busca de um degrau adiante. É preciso ver o novo, reconhecer-se no novo e intuir. “O caminho é um caminho de crescimento” (OSTROWER, 2010, p.76). O ser artista-pensador-fazedor precisa experimentar, pesquisar e valorizar seu instintivo.

Um tanto de ideias juntas, recortes de livros, jornais, revistas. Um tumulto conceitual. A arte da colagem manifesta diretamente as influências do artista, tornando-se genuinamente expressiva, como uma particular visão do mundo. A colagem é a composição, por vezes não lógica, de simbologias e referências e traz ao espectador, muitas vezes, um sentido impensado, inesperado. O que não deixa de ser um sentido.

“Por acontecer, o fato configura algo e, ao configurar, modifica algo. Modifica certas realidades – em nós também. A única coisa possível é elaborarmos as formas a partir de sua existência, em busca de novas realidades. Só podemos mesmo criar” (OSTROWER, 2010, p.99). Não existe uma estratégia fixa real para a estruturação das imagens; tudo se resume a um sentimento interior. Continuarei tentando encontrar novas maneiras de criar um equilíbrio entre os diferentes elementos, já que a maioria das leis de composição não pode ser ignorada, mesmo em um ambiente de colagem surreal.

Algumas colagens são feitas instantaneamente, enquanto outros levam semanas até que se encontrem combinações certas ou equilíbrio: as imagens têm de interagir naturalmente e trabalhar juntas para servir à história que se pretende contar na colagem.

Referências

- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. Tradução de Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONSECA, Aline Karen. **Collage: a colagem surrealista**. Revista Educação, volume 04, n. 01, 2009, pp: 54-64.
- BASBAUM, Ricardo. **Vivência crítica participante**. Rio de Janeiro, 2002.
- LARROCA, Oscar. **Juan Burgos y el collage contemporáneo**. Uruguai: MEC, n. 20, dezembro 2011.
- RIBEIRO, Lindsay. **Damien Hirst**. Disponível em: <<http://lindsayribeiro.blogspot.com.br/2009/09/damien-hirst.html>>. Acesso em: 15 jul 2014.
- RIBEIRO, Diana. **O surrealismo pop de Alex Gross**. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2011/03/o_surrealismo_pop_de_alex_gross.html#ixzz37mLOR0Uh>. Acesso em: 18 jul 2014.
- BORGES, Rejane. **Colagens de Marek Haiduk**. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2010/11/colagens_de_marek_haiduk.html#ixzz38EblSwpz>. Acesso em 19 jul 2014.
- BORGES, Gabriella. **Feminismo e cultura pop na arte híbrida de Sandra Chevrier**. Disponível em: <<http://lounge.obviousmag.org/aquempossainteressar/2013/08/feminismo-e-cultura-pop-na-arte-hibrida-de-sandra-chevrier.html#ixzz38EsNKIbK>>. Acesso em 20 jul 2014.
- SLABBINCK, Sammy. **About**. Disponível em: <<http://sammyslabbinnck.tumblr.com/about>>. Acesso em: 18 jul 2014.

Rafael Vilarouca Peixoto Correia

Fotógrafo, graduado em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA e atualmente aluno do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da mesma instituição.
<http://lattes.cnpq.br/6674257449608767>

Fabio Jose Rodrigues da Costa

Doutor em Artes Visuais pela universidade de sevilla, Espanha(2007), Chefe do Departamento de Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri – URCA. Líder do Grupo de Pesquisa "Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos" - GPEACC/CNPq. Diretor de Relações Internacionais da Federação dos Arte/Educadores do Brasil – FAEB
<http://lattes.cnpq.br/8911805265683899>

Fábio Tavares da Silva

Graduado em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri - URCA em 2012.Foi Professor de Artes das escolas estaduais Senador Martiniano de Alencar e Adauto Bezerra de 2012 a 2013, ambas localizadas em Barbalha - CE.É professor do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da URCA. Estuda e desenvolve trabalhos com Histórias em Quadrinhos.
<http://lattes.cnpq.br/0547320284932092>